

Identidade em construção: experiências comuns de trabalhadores rurais sem terra nos Campos Gerais. (1970-2003).¹

Fernando Henrique Tisque dos Santos²
Rosângela Maria Silva Petuba³

O acampamento Emiliano Zapata foi construído a partir da organização de trabalhadores rurais pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), concentrados na cidade de Palmeira e, que durante a Jornada de Agroecologia na cidade de Ponta Grossa decidiram, em abril de 2003, realizar um protesto contra as pesquisas com sementes transgênicas da Fazenda da Monsanto, no bairro Shangrilá. Alguns dias após a manifestação, os integrantes do Movimento ocuparam a área. Foram feitas negociações com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nas quais os trabalhadores não obtiveram resultados satisfatórios. No dia 31 de maio do mesmo ano, o Movimento ocupou a Fazenda da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), localizada no distrito de Itaicoca, alegando o arrendamento e “grilagem” das terras por fazendeiros da região. Atualmente, o Acampamento Emiliano Zapata se

¹ Este artigo faz parte das reflexões realizadas no projeto de iniciação científica PIBIC/UEPG intitulado “CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO: Experiência e Identidade de Trabalhadores Rurais Sem Terra do Acampamento Emiliano Zapata nos Campos Gerais. (1970-2003)” e do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná.

² Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, Mestrando em Educação pela Universidade de São Paulo, USP. henripghis@bol.com.br

³ Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. rosangelapetuba@yahoo.com.br.

encontra em processo de assentamento. São 150 famílias distribuídas em três acampamentos: Teixeira, Comunidade David e Emiliano Zapata onde neste último funciona o Centro de Agroecologia Chico Mendes.

A coesão deste grupo nas suas ações instigou a investigação dos mecanismos forjados pelo Movimento para dar sentido ao seu projeto social pela Reforma Agrária, bem como a discussão das experiências dos trabalhadores antes da sua entrada no Movimento. Foi na problematização deste dois momentos diferenciados das trajetórias dos trabalhadores que buscou-se refletir sobre o processo de construção de identidades dentro do MST.

No trabalho com as experiências e a identidade de Trabalhadores Rurais Sem Terra, destacam-se trajetórias de vida que revelam os conflitos, medos, silêncios, desejos, sonhos de homens e mulheres que forjam estratégias no enfrentamento da realidade social e elaboram representações dando significados às suas vivências no construir-se como sujeito histórico.

Muitas e diversas foram as trajetórias dos sujeitos antes de ingressarem no MST. As experiências vividas pelos trabalhadores nos revelaram situações semelhantes quanto à escolarização, trabalho, saúde, moradia que num campo geral de representações são reconhecidas pelos sujeitos como situações de exclusão e negação aos direitos sociais.

As famílias moradoras hoje no Acampamento Emiliano Zapata têm sua origem em diversas regiões do Estado do Paraná e de outros estados, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. A maioria das pessoas nasceu em comunidades rurais de cidades do interior e estão em média a quatro e cinco anos no Movimento.

A infância dos sujeitos da pesquisa é marcada por privações e dificuldades; nesse contexto o trabalho é uma prática experimentada pelos entrevistados desde cedo e configura-se como um campo fértil na elaboração de seus valores, concepções e perspectivas, orientando suas decisões e ações ao longo das suas trajetórias anteriores e hoje dentro do Movimento social.

A mão-de-obra das crianças empregada na lavoura teve um importante papel na sustentação da pequena propriedade. Ao relembrar a sua época de “piá”⁴, Nataniel de Souza Leite, 54 anos, nascido no município de Palmeira, vinculou trabalho e educação revelando a dupla responsabilidade exigida das crianças e adolescentes na propriedade dos pais. “Eu comecei a trabalhar com 12 anos. Eu ia na escola até meio dia e depois eu ia para a roça. (...).Carpia, plantava, passava carpideira, arado.(...).A minha infância foi meio sozinho porque eu era o último da família e quase não tinha com quem brincar. Era só o serviço mesmo”.⁵

Na propriedade de seus pais Lucindo e Ernestina, a área disponível para a lavoura era de onze hectares. A mão-de-obra utilizada na produção não distinguia as diferenças entre sexos e, as meninas “Trabalhavam na roça também. Colhiam milho, feijão, arroz, mandioca, batata”.⁶

Genecilda Lourenço, 53 anos nascida na cidade de São Cepé no Rio Grande do Sul, viúva, mãe de sete filhos narrou como era o seu cotidiano com relação ao trabalho na propriedade do pai.

Nós tínhamos, meu pai tinha arvoredos que plantava para vender, sabe, para comércio. O que nos fazíamos? Nós tínhamos que pegar aqueles arvoredos embaixo varrer todas as folhas colocar no pé da fruta. Daí nós tínhamos doze vacas que tirávamos leite e tinha que ajudar a fazer queijo e daí minha mãe tinha horta em volta da casa. Tinha que cuidar da horta. O meu pai sofria de ataque epilético daí quando ele ia para a roça minha mãe tinha que ir junto porque caía e podia se machucar então tinha que ter um... Se o meu irmão mais velho não tivesse, então ela tinha que ir junto. Na maioria dos casos era a gente que tomava conta da casa e fazia todos os serviços.⁷

⁴ Expressão que na região sul do país designa: menino.

⁵ Entrevista realizada em 26/01/2006 no Acampamento Emiliano Zapata.

⁶ Idem.

⁷ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata, em 17/03/2006.

No caso de Genecilda a doença do pai aumentava a responsabilidade das crianças tanto no trabalho com a lavoura como nos serviços da casa. As lembranças também remontam às dificuldades de acesso ao tratamento de saúde devido aos custos de internação e a distancia da família da cidade de Santa Maria onde era possível realizar o tratamento, isso levava os pais a se hospedarem na casa de parentes, nestas ocasiões possivelmente todo o cuidado com a lavoura e a casa era deixado a cargo das crianças.

Para João Israel de Souza, 22 anos, nascido na cidade de Castro, a separação dos pais foi um dos motivos que dificultou o acesso à educação, pois alternava suas experiências entre o campo e a cidade durante sua infância. Entre suas idas e vindas era do trabalho nas lavouras dos fazendeiros, que contratavam seus serviços, a renda da qual tirava o seu sustento. O trabalho de bóia-fria era conjugado ao trabalho de meeiro⁸, uma tentativa de se inserir na pequena propriedade, garantindo certa autonomia para comercializar os produtos cultivados.

A busca por melhores condições de vida marca a trajetória de João, condições essas percebidas no valor de dignidade dado ao trabalho e ao sonho de estudar, sendo este sentido percebido para as constantes mudanças do campo para a cidade e vice-versa.

Dessa forma, nos relata as motivações que o fizeram migrar do campo para a cidade:

Normalmente eram as condições materiais de sobrevivência. Tipo, como eu tinha vontade de estudar, eu tinha este sonho, né!? Eu sempre sonhei com uma vida digna, com trabalho, estudo, uma casa boa para morar. Então, foram estas condições materiais que faziam com que eu migrasse de um lado para o outro, né. Procurava o melhor para mim. Então foi isso.⁹

O trabalho como valor de dignidade, por onde o homem

⁸ Meeiro é aquele que aluga a terra de outro para produzir e o pagamento deste aluguel é realizado com parte da produção final.

⁹ Entrevista realizada em 17/01/2006, no Acampamento Emiliano Zapata.

conquista seus sonhos e muda de condição de vida, é a forma de João resistir à condição de assalariado no campo. Como trabalhador se construindo dia-a-dia, faz do trabalho instrumento de sua luta política projetando expectativas, buscando o melhor para si.

Sandro Fatori de Souza, 31 anos, nascido em Jardim Alegre, norte do Paraná, trabalhou nas fazendas da região enquanto seu pai empregava seus conhecimentos na produção de leite e criação de frangos para os fazendeiros da região. O trabalho de bóia-fria foi uma condição que Sandro conheceu de maneira mais precoce do que os outros entrevistados, tendo em vista que seu pai nunca teve uma propriedade no campo.

Depois dos dezesseis anos mudou-se para a cidade de Londrina onde trabalhou como montador de sofá. De Londrina para Curitiba ocupou-se da profissão de pedreiro e fez alguns outros pequenos serviços para complementar a renda familiar. Suas experiências de trabalho na cidade expressam a dificuldade de adaptação ao um modo de vida em que o tempo de trabalho não é mais controlado pela natureza, e sim, pelo relógio e as necessidades do patrão.

No caso de Genecilda, após o falecimento do pai, a família se mudou para a propriedade da avó materna, abandonando a fazenda ganhada de presente de casamento de um padrinho de sua mãe. Com a terra abandonada, o antigo proprietário tomou posse novamente das terras, ignorando a tentativa de retorno da família ao local. Na fazenda de sua avó, havia muita dificuldade de se plantar, pois a formação do terreno era muito rochosa, porém a exploração de paralelepípedo garantiu renda e trabalho para os homens da família que aprenderam a cortar as rochas.

Na falta de trabalho para as mulheres, estas se mudaram para a cidade para trabalhar de empregada doméstica. Através de contatos de sua mãe, Genecilda recebeu uma proposta de trabalho de babá em São Paulo. Na cidade grande encontrou algumas facilidades de escolarização e formação profissional. Terminou o segundo grau na forma de supletivo, e fez um curso de enfermagem. Foi trabalhar

na clínica de obstetrícia do marido de sua amiga que lhe havia garantido o emprego como babá. A dinâmica de funcionamento da cidade causou-lhe estranhamento e o reconhecimento da ajuda dos amigos na adaptação no novo local de moradia, também marcou sua vida:

A dificuldade minha, porque você vê. Eu tinha praticamente saído do sítio e entrei diretamente na cidade que é o... uma coisa, para a gente assim igual que chega assim não dá nem para imaginar o que é aquilo. Assim eu tive dificuldade para andar nas ruas até aprender bem, sabe. Mas tive...eles me ajudaram, ela me ajudou bastante assim. Ela enfermeira padrão então ela também tinha alguma influência no hospital daí ela me ajudou assim de conhecer a cidade, a andar de ônibus para eu fazer o meu curso de enfermagem.¹⁰

Em São Paulo, Genecilda conheceu o marido que era nascido em Santa Catarina e trabalhava num escritório de contabilidade. As condições de vida na cidade não satisfaziam as necessidades do casal, principalmente pelo fato do marido ter abandonado o curso universitário e as oportunidades de trabalho exigirem qualificação de nível superior.

Após retornar ao Estado natal do marido, para que ambos pudessem ficar próximos as suas famílias, o casal enfrentou muitas dificuldades e frustrações conforme relata Genecilda. Na cidade de Lajes, trabalhou como diarista, cozinheira, em colheita de batata e morango. A exclusão do trabalho pela falta de formação escolar e profissional foi uma preocupação que orientou sua mudança para a cidade de Curitiba. Sua memória quanto à educação dos filhos é marcada por uma crítica à extinção do ensino profissionalizante no ensino médio, extinto no governo de Fernando Henrique Cardoso 1994-2002. Com os filhos desempregados, ficaria difícil pagar um curso profissionalizante, ou seja, sem emprego ficaria difícil estudar e sem estudar ficaria difícil conseguir emprego, pois apenas o ensino normal não era garantia de oportunidades de trabalho.

¹⁰ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/03/2006.

Daí naquele ano o Fernando Henrique mudou o jeito do segundo grau que não era mais técnico, né? Então você fazia o segundo grau e ficava sem fazer nada do mesmo jeito. Com o segundo grau que era técnico pelo menos saía de lá com alguma coisinha para fazer, magistério, alguma coisa. E daí chegou na época que a minha mais velha também ia fazer o segundo grau e ia ficar sem fazer nada e sem trabalho e sem jeito de estudar também. Aí teve uma amiga minha que teve câncer e teve que vir se tratar no...(como que chama aquele hospital de câncer em Curitiba?)... Erasto Gaetner? Aí ela veio se tratar ali e eu vim visitar ela ali, sabe no hospital e aí achei que a cidade de Curitiba era uma boa para nós, né. Porque todas essas crianças, todos os adolescentes chegando no segundo grau pelo menos trabalho eles vão ter para eles estudar e conseguir chegar na faculdade ou alguma coisa. E não deu nada. Em Curitiba todo mundo trabalhava, mas não ganhava o que desse para estudar.¹¹

A imagem romantizada de Curitiba, como uma cidade em que haveria trabalho e educação para todos, não se confirma nas experiências vividas, frustrando mais uma vez as expectativas de Genecilda por melhores condições de vida.

As trajetórias de vida, antes da entrada dos sujeitos no Movimento, produziram representações próximas sobre o trabalho quando criança no campo, sobre o sentimento de exclusão educacional, do trabalho de bóia-fria, da migração para a cidade e das adaptações a um modo de vida diferente das relações comunitárias experimentadas no roça. É difícil apontar as causas concretas da entrada dos sujeitos no Movimento, porém, as representações criadas na prática cotidiana das pessoas se defrontam com o projeto político homogeneizador do governo militar.

As narrativas dos sujeitos sobre suas experiências se contrapõem ao discurso militar das décadas de 1970 e 1980, no qual supostamente havia no Brasil a existência de um harmonioso desenvolvimento econômico, tanto no campo, quanto na cidade. Os sonhos, as mudanças, as expectativas e frustrações de melhores condições de vida compartilhadas

¹¹ Idem.

nas experiências comuns no campo e na cidade são elementos que sustentam a identidade dos trabalhadores construída dia-a-dia, no fazer-se no trabalho, na educação, nos itinerários percorridos, no trabalho no campo e na cidade. A estas experiências, os sujeitos atribuem significados diferentes e, organizam um modo de vida onde os aprendizados de suas trajetórias dão o sentido de resistência aos projetos políticos que se pretendem construtores de uma memória oficial e no qual eles não se sentem como personagens principais.

**Vivências no acampamento:
Organização, Ocupação e Identidade.**

Diferentes foram os caminhos percorridos pelos sujeitos e diversas as motivações de sua entrada no Movimento. Indecisão e medo fizeram parte de suas escolhas, pois se por um lado, a imagem do MST aparece vinculada à violência, enfiamentos e mortes, por outro, essa organização de trabalhadores tem se apresentado desde meados dos anos de 1980, como uma das únicas alternativas mais prováveis de retorno e a permanência no campo na condição de pequeno proprietário, para muitos trabalhadores emigrantes e/ou expulsos da vida rural.

Após a venda da terra pelo pai para saldar as dívidas com os bancos, Nataniel juntamente com sua família mudou-se para um acampamento localizado na cidade de Teixeira Soares chamado São Joaquim. Amigos já o haviam convidado a juntar-se ao grupo acampado na promessa de que ganharia uma terra para plantar e morar com a família. O local sem documentação estava em disputa por grandes empresários interessados em provar a posse da terra. Os acampados ao entrarem na terra roçaram a área e deram início as suas lavouras. As representações de Nataniel sobre a ocupação da fazenda retomam a vivência da repressão realizada pelas milícias armadas dos fazendeiros que não aceitavam a presença do MST na região. “Naquele tempo a gente tinha muito medo, né ? Lá tinha muito pistoleiro e eles matavam mesmo”.¹²

¹² Entrevista realizada em 26/01/2006 no Acampamento Emiliano Zapata.

As notícias de violência contra outros sem-terra eram divulgadas entre os acampados do São Joaquim aumentando a preocupação das famílias. A maneira de se defender dos pistoleiros evidencia a prática coletiva do grupo, e sua afirmação como força de resistência na disputa das terras no local.

O Acampamento que correu mais sangue foi a Fazenda Anoni no Rio Grande do Sul. O Movimento lá estava começadinho, né?! Lá morreu muita gente. Nós ali não morremos ninguém porque nós éramos bem organizados. Nós só saíamos juntos. Se tivesse desgostoso da vida era só sair sozinho não voltava.¹³

Genecilda conheceu o MST após um trabalho de frente de massa¹⁴ realizado pelo Movimento no bairro onde morava na periferia de Curitiba. Seu filho mais velho, Fernando, que procurava emprego há mais de três meses, decidiu acampar na cidade de Palmeira. Depois de três semanas sem contato com o filho, Genecilda e sua vizinha resolveram ir atrás do paradeiro do filho e do marido respectivamente. Quando encontrou o filho, preocupou-se com as condições de sobrevivência e moradia, “Porque ele estava com um monte de gente dentro de um barraco. Devia ter uns vinte homens dentro daquele barraco”.¹⁵ Mesmo assim, Fernando queria permanecer no local no intuito de “ganhar” uma terra. Todos os meses, quando Fernando não viajava até Curitiba buscar mantimentos, alguém da família levava-os até o acampamento Palmares II. Genecilda, com problemas de saúde teve que se submeter a uma cirurgia de urgência, na vesícula, quando recebeu o convite do filho Fernando para se

¹³ Idem.

¹⁴ A prática de trabalho de Frente de Massa dentro do MST é realizada por grupo de integrantes que atuam nos locais onde o Movimento deseja se fazer conhecido e/ou convencer trabalhadores a integrarem o Movimento e participarem de ocupações. Esse trabalho é feito tanto no campo, junto aos trabalhadores rurais de diversos matizes, quanto nas cidades principalmente em bairro pobres e periféricos formados em sua grande maioria por moradores oriundos do campo ou que desejem sair das grandes cidades rumo a melhores condições de vida na área rural.

¹⁵ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata dia 17/03/2006.

mudar com ele bem no momento de negociação da área na Fazenda da EMBRAPA em Ponta Grossa. Sua decisão expressou as frustrações e dificuldades de viver na cidade. “Não voltei mais para a cidade. Daí eu tinha casa alugada eu fui lá e vendi a metade dos meus móveis e entreguei a casa para os donos e eu disse: Chega né? Porque só fica com conta na cidade para pagar. E vim embora.”¹⁶

Sandro Fattori expressa o mesmo sentimento de frustração quando lembra das condições de vida na cidade. As expectativas de emprego que não se concretizaram em Curitiba e as dificuldades de pagar a contas no final do mês são experiências comuns que somaram a expectativa de retornar para o campo.

Ah, eu para minha cabeça que eu pensava mais pela minha família e porque na cidade já não dava mais, né? Trabalhava de pedreiro já não estava dando para sobreviver mais. Tudo o que você fazia chegava no final do mês ia tudo em conta para pagar e não sobrava para comer, né! O sofrimento estava cada vez mais.¹⁷

Pelo convite de amigos que já estavam acampados, Sandro decidiu visitar o acampamento. Nessa visita recebeu o incentivo dos amigos e decidiu deixar a família em Curitiba.

João Israel conheceu o MST depois de visitar seu pai no interior de Castro e descobriu que ele já estava morando num assentamento. Logo que começou a morar com seu pai, participou da marcha do Movimento em Curitiba, no Centro Cívico, em dezembro do ano de 1999, e de cursos de militância. Sua entrada no Movimento foi marcada por um período de tensão entre o poder público e as manifestações do MST no Estado. A violência presente nas manifestações é lembrada por João, e constitui a tônica do seu discurso de indignação e injustiça criando uma identificação com a luta, e com o projeto social do Movimento.

Na época que eu iniciei estava na militância do Movimento. Foi naquela época de uma repressão dura aqui no Estado

¹⁶ Idem.

¹⁷ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 19/01/2006.

que era o governo Jaime Lerner. Então, foi bem nessa época que a gente sentia, eu sentia muita indignação, assim, né. Muita injustiça que a gente via com os próprios olhos, assim, e tudo isso foi criando assim, uma paixão pela luta, uma coisa mais profunda.¹⁸

As bases da decisão de entrar no Movimento são as representações das experiências comuns de exclusão vivenciadas no campo, no trabalho na cidade, nas migrações dos sujeitos orientados pelo desejo e na busca de melhores condições de vida e na possibilidade de resgatar um modo de vida comunitário como os experimentados na infância dos entrevistados.

A entrada no Movimento e a decisão de fazer parte do projeto de Reforma Agrária do MST nos revelam que os homens e mulheres, no fazer-se em suas experiências, elaboraram estratégias de sobrevivência e tiveram autonomia em suas escolhas, mostrando-se construtores das suas trajetórias de vida e, de uma identidade baseada no reconhecimento das similitudes e diferenças entre as experiências vivenciadas.

Quando Nataniel entrou no Movimento, o medo da violência no campo era a preocupação maior na luta pela terra. “Naquele tempo, a gente tinha muito medo, né. Lá tinha muito pistoleiro e eles matavam mesmo. Chegaram até entrar no acampamento fortemente armado. Nós conseguimos dominar eles”.¹⁹

Para Nataniel, a organização das famílias era a maneira de estabelecer um enfrentamento às tensões vivenciadas no campo, tanto as produzidas por parte da polícia, como pelas milícias particulares de fazendeiros da região. As dificuldades vivenciadas com a alimentação e saúde no início do acampamento reforçaram a necessidade de organização da comunidade. A representação de exclusão social a direitos constitucionais nos revela a realidade

¹⁸ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/01/2006.

¹⁹. Entrevista realizada em 26/01/2006 no Acampamento Emiliano Zapata.

vivenciada pelos trabalhadores naquele período.

A próxima fala de Nataniel parece permeada por uma contradição. Anteriormente ele se refere ao medo como algo constantemente vivido pelas tensões e conflitos no campo. Em seguida, reestrutura sua fala na tentativa de justificar sua condição de acampado.

Eu nunca tive medo. Nunca tive medo porque o medo se transforma em revolta depois que a gente entra num acampamento assim que a gente vê o que os fazendeiros fazem. Daí a gente fica revoltado. O medo acaba porque onde já se viu um grileiro de terra aí dominar tanta terra e quanta gente acampado muitas vezes rapazes, aí, criancinha passando fome e eles abraçando tudo sem necessidade.²⁰

Podemos problematizar essa aparente contradição retomando a perspectiva de Yara Aun Khpoury²¹, onde as narrativas são entendidas, “como práticas sociais, portanto em Movimento, na dinâmica social vivida. Tanto fatos como narrativas se constroem nas e pelas redes de relações em que estão inseridos”. A fala não está dissociada das relações que o sujeito estabelece como o Movimento social. O relato está permeado pelo compromisso de ser integrante do MST e de compartilhar interesses coletivos que envolvem a comunidade. Nataniel justifica uma postura de enfrentamento a realidade, mesmo em que outro momento prevaleça o sentimento contrário. Assim, o sujeito nas suas experiências e no fazer-se junto com o Movimento vai construindo sua identidade como Sem-Terra abrindo a possibilidade de confronto entre a identidade que o MST quer e aquela construída no cotidiano da sua luta.

A organização é aspecto marcante também na narrativa de Genecilda quando se juntou ao filho no acampamento criado em 2002. O período em que os trabalhadores ficaram acampados nesta área de assentamento identifica a gestação do Acampamento

²⁰ Idem

²¹ KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.º. 22, p. 79 – 104, jun. / 2001.

Emiliano Zapata. O acampamento chegou a ter, segundo os entrevistados, entre duzentas a duzentas e trinta famílias.

A minha impressão foi de organizar. Eu lembro que eu cheguei lá em Palmeira a primeira vez que eu fui e não sabia que tinha este negócio de setor de saúde estas coisas não entendia nada, né? Aí eu fui. Comecei a caminhar lá por volta para conversar com as mulheres porque fiquei sozinha daí o Fernando ia trabalhar na época. Lá não tinha como plantar então os que gostavam mais de trabalhar iam trabalhar para o fazendeiro do lado. Daí trabalhavam muito com este fazendeiro que até agora ele trabalha. Fez muita amizade lá com este fazendeiro. E daí eu fiquei sozinha e comecei a andar. E eu me lembro que eu cheguei num lugar assim que eles botavam lixo. Estava muito cheio de lixo aquilo ali. Aí eu perguntei para uma senhora, eu disse: qual é o destino que dão para o lixo? Ela disse que: Ahhh tem um tal de setor de saúde aí que cuida do lixo, dizia. Eu não sei o que está acontecendo. E eu disse: Nossa, mas como é que a senhora faz? A senhora não vai atrás para ver o tal que é... que trata do lixo para vir tratar o lixo, ou até ajudar, né? Porque, que é quem fica perto de um lixo (não audível). Foi a primeira coisa que eu fiz lá no acampamento, sabe? Daí eu disse: Então, eu estou sem fazer nada e hoje, era a tia do Renildo que está acampado até hoje. Então eu disse: eu não estou fazendo nada hoje vamos nos juntar para nós juntarmos este lixo. E aí nós fizemos o primeiro, nosso “pichuru” lá, nós fizemos foi para juntar o lixo. Aí nós juntamos o lixo naquela tarde quando o Fernando chegou a gente já tinha queimado todo o lixo.²²

Há a necessidade de se pensar a organização do MST como uma forma de direcionar a construção da identidade do Sem-Terra, pois o funcionamento de um acampamento ou assentamento depende da capacidade dos sujeitos de administrarem e colocarem em prática as funções de cada setor: alimentação, saúde, educação, frente de massa, comunicação, entre outros. As exigências colocadas nestes trabalhos orientam a formação dos sujeitos no sentido de

²² Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/03/2006.

perceberem a realização dessas tarefas internas e externas de organização e funcionamento dos acampamentos e assentamentos como componente fundamental no fortalecimento do projeto do MST pela Reforma Agrária através de princípios baseados na solidariedade e no trabalho coletivo. Ou seja, a organização é o espaço em que o Movimento busca dar coesão aos sujeitos, orientando-os a partir de princípios filosóficos, políticos, éticos, pedagógicos, organizativos entre outros.

A organização²³ tem o objetivo de incentivar o engajamento político dos sujeitos para a manutenção do Movimento como força política pelo projeto do MST. Os sujeitos participam desta estrutura que valoriza o trabalho e a capacidade de assumir responsabilidades. Sandro evidencia que o trabalho no setor de produção resgatou o orgulho de colaborar não apenas com sua força de trabalho, mas como alguém que é capaz de aprender a organizar.

Ah, lá eu estava no setor, no grupo entrei no grupo três. Primeiro eu era da produção. Aí depois eu saí, daí o colega meu que estava lá que era mais de tempo de acampamento comigo. Daí ele era coordenador do grupo. Daí eu fui, fiquei uns três ou quatro meses coordenador do grupo. Daí saí de volta e fiquei no setor de produção e até hoje estou no setor de produção.²⁴

Assumir responsabilidades ligadas ao bem comum afetou não somente seus valores, mas também a percepção de sentir-se sujeito que reflete, propõe e transforma a sua realidade. As relações estabelecidas dentro do Movimento privilegiam a ação do sujeito como forma de superação das condições de exclusão social. E neste sentido a organização parece internalizada pelos sujeitos como um espaço de

²³ A organização do MST em termos estaduais está disposta da seguinte forma: no topo da divisão está a Direção Estadual composta pela sua secretaria, os Setores Estaduais e a Coordenação Estadual do MST. Em seguida, temos as chamadas brigadas formadas por 500 famílias e composta pela sua Secretaria e Direção. Junto à Direção da brigada estão os Setores e a Coordenação que são formados por 50 famílias.

²⁴ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 19/01/2006.

aprendizado da ação coletiva e solidária. Espaço este, de reconhecimento das diferenças e das similitudes das experiências vividas no campo e na luta social que vão dando forma a uma cultura de resistência e permanência na terra.

Nas suas trajetórias de vida, os sujeitos nos revelam seus desejos, projetos, expectativas, assim como suas decepções atualizadas pela memória. Atribuem significados às suas experiências, tendo em vista as condições vividas na realidade presente. João Israel de Sousa, depois que entrou no MST, participou de diversas manifestações que objetivavam colocar em pauta a reforma agrária no Estado. Sua militância política foi marcada pela tentativa do governo de conter as mobilizações com violência física e despejos. Estas situações são expressas na sua narração como injustiça social. O depoimento a seguir refere-se a uma primeira tentativa de ocupação de terras na cidade de Ponta Grossa, no ano de 1999, e que foi reprimida pela força policial e articulação política. Chamamos a atenção para a narração de João, pois esta expressa um importante quadro político do período, e nos oferece margem para a compreensão da identidade do ser Sem Terra construída pela memória coletiva.

Bom, então, em 99, final de 99 que o pessoal tinha acampamento em Teixeira Soares e eles realizaram uma ocupação aqui na Embrapa. Eles realizaram a ocupação e eles havia tido a informação, né, de que aqui nesta área da Embrapa, pertencente, tinha muita terra que a Embrapa não usava e estava sendo grilada. É a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Então a Embrapa tinha a informação que teria 4.000 mil hectares de terra não utilizada. Então, a maior parte desta área era arrendada para os fazendeiros da região. E aí o pessoal realizou a ocupação com 70 famílias. Então, nesta ocupação estas famílias chegaram à tarde, por volta da hora do almoço. Chegaram na área e ficaram na beira da estrada numa região da BR que vai para Curitiba, onde nós tivemos o acampamento próximo a sede da Embrapa. Melhor dizendo, onde tinha o acampamento. Quando foi logo mais a tarde foi na época de repressão mais dura chegou o policiamento e houve o despejo dessas famílias. Então, uma articulação dos políticos da região,

também aqui, na época Jocelito Canto era o prefeito da cidade e daí o Jaime Lerner governador. Uma articulação muito rápida dos políticos que são inimigos do Movimento.²⁵

É importante atentar para o fato de que as lembranças de João deste acontecimento foram construídas a partir dos relatos de outras pessoas que o vivenciaram. A forma enfática, pela qual João narrou a ocupação, revelou que ele compartilha esta memória mesmo não tendo vivenciado a experiência. Halbwachs²⁶ diferencia dois tipos de memória: a individual e a coletiva. A primeira encontra suporte na segunda, sendo esta última mais ampla em termos de funcionamento. A memória coletiva pode ser construída a partir da apropriação pelo sujeito de imagens que correspondem a determinado fato ou acontecimento. Neste caso, João empresta as lembranças de outros que vão constituir sua memória do fato. A memória neste momento abre espaço para o reconhecimento das similitudes entre as experiências vivenciadas pelo grupo e por ele em contextos históricos diferenciados. As representações sobre o despejo e a articulação rápida dos políticos, identificando-os como inimigos do Movimento, são relacionadas com as experiências vivenciadas na sua trajetória de vida, tanto como integrante do Movimento, quanto fora dele.²⁷

O despejo é enfatizado como algo violento e injusto socialmente. Este sentimento assemelha-se com outras situações vivenciadas por João como, por exemplo, a manifestação que seria realizada em maio de 2002, no Centro Cívico, em Curitiba, e que foi reprimida pela polícia militar antes mesmo de chegar ao local estabelecido. A violência é um dos elementos que aproxima as experiências dos trabalhadores em situações diferentes, o convívio com a com ela de forma institucionalizada ou não reforça situação

²⁵ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/01/2006.

²⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

²⁷ A esse respeito ver também: PORTELI, Alessandro. "A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais". In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.01. p. 59-72, 1996.

traumática em que os trabalhadores rurais criam laços de solidariedade dando forma a uma identidade de luta pela injustiça social.

Frente à eminência da mudança na conjuntura política do país, com a eleição do presidente Luis Inácio Lula da Silva, cresceram as esperanças dos trabalhadores rurais na realização da reforma agrária. As expectativas dos sujeitos ganham forma em diversas manifestações e ocupações realizadas em vários pontos do Brasil.

Então com a eleição do Lula em 2002 mudou a conjuntura do campo, aí na questão agrária, da luta e tudo o mais, nas metas no Programa Nacional de Reforma Agrária. Então, em 2003 os acampamentos foram bastante massivos por todo o estado. O estado do Paraná, principalmente e no Brasil inteiro, melhor dizendo. Assim, que se projetava a grande possibilidade de realizar a Reforma Agrária no Brasil e tudo mais, um sonho...²⁸

A partir desta mudança, inicia-se na cidade de Palmeira, em agosto de 2002, um acampamento que reuniu em torno de 200 a 230 famílias das localidades vizinhas, e da região metropolitana de Curitiba, num projeto de assentamento com 10 famílias denominado Palmares II. Segundo João, o acampamento se chamou Antonio Tavares em homenagem ao integrante do Movimento, morto no confronto com a polícia na BR 277.

As situações vivenciadas no interior do acampamento exigiram a prática da organização dos sujeitos para a superação das dificuldades de trabalho, de alimentação, saúde entre outras. Sandro teve dificuldades em manter a família em Curitiba, seguindo a regra do Movimento para os homens casados.

Ah, quando eu entrei lá dificuldade para nós bem dizer mesmo, que era unido o povo, tinha as dificuldades, mas a gente sempre passava por cima. Mas um pouco mais de dificuldade quando a minha família estava em Curitiba. Porque daí ali eu tinha que estar vindo. Aí a gente tinha,

²⁸ Idem.

seguia as regras do Movimento. Daí a gente podia ficar tipo, a gente que era casado, tinha ficar quinze dias para trabalhar para fora para poder se manter e o restante dos dias se manter no Movimento, no acampamento. Mas era, tinha, precisava, que sair trabalhar para fora para poder levar comida lá para Curitiba para “mode” a família que estava lá.²⁹

Como o local já era um assentamento não havia terra à disposição para a produção destes acampados. Aquela situação colocou à prova a vontade dos sujeitos em fazer parte do Movimento, bem como deu a eles o início da formação política para a militância, fator importante para a construção da chamada “identidade de Sem-terra” pensada pelo MST com base no trabalho e na busca de modos de convivência coletiva. Nataniel nos relata as dificuldades vivenciadas no acampamento, em Teixeira Soares, na segunda metade da década de 1980. Sua principal preocupação era quanto à alimentação das crianças. A organização dos acampados, neste aspecto, contribuiu para resolver os problemas e demandas do acampamento, tendo em vista que o Movimento não ajudava financeiramente para a manutenção das famílias e sua permanência na terra ocupada.

Necessidades de alimentação, que faltava alimentação e as crianças ficavam...desnutriam, né. Depois quando chegavam muitas crianças sem ter nada até fortificar quando as crianças arruinavam lá alguém saía em busca de alimentação e trazia para dentro, daí renovava.³⁰

A resolução dos problemas no interior do acampamento dependia da capacidade organizativa dos sujeitos em torno de uma proposta de trabalho coletivo. A organização dos sujeitos na prática tinha o objetivo de contribuir com a qualidade de vida das pessoas, principalmente com relação às crianças, além de ser a forma de resistir na terra apesar das pressões e adversidades.

²⁹ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 19/01/2006.

³⁰ Entrevista realizada em 26/01/2006 no Acampamento Emiliano Zapata.

A segunda ocupação na cidade de Ponta Grossa foi realizada pelos trabalhadores rurais que estavam acampados em Palmeira e que hoje se chama Acampamento Emiliano Zapata.

Nós resolvemos ocupar durante a Jornada de Agroecologia em abril de 2003. Então houve a ocupação da Fazenda da Monsanto ali no bairro do Shangrilá aqui em Ponta Grossa mesmo. Então logo depois desta ocupação, duas semanas depois as demais famílias que estavam em Palmeira ainda se deslocaram para a Embrapa de Ponta Grossa com esse mesmo objetivo que as famílias tinham em 99. E que a terra que a Embrapa não utilizava é que está sendo grilada para os fazendeiros produtores da região que fosse designada para a Reforma Agrária. Para o assentamento das famílias por ser próximo da cidade, também para produzir comida com um custo baixo, né, Para os trabalhadores da cidade e para resolver o problema da falta de terra destas famílias que estavam acampadas reivindicando a Reforma Agrária.³¹

Quanto à participação dos entrevistados no processo de ocupação na Fazenda da Embrapa, em Ponta Grossa, Genecilda afirmou que não participava das reuniões dentro do acampamento que tratavam da estratégia de luta. Porém, a restrição dos indivíduos não foi entendida como algo antidemocrático e, sim como uma necessidade de evitar o “vazamento” de informações que poderiam prejudicar o planejamento e a ação da ocupação na cidade. Diante da restrição participativa deste momento, Dona Genecilda arquitetou uma situação em conjunto com uma amiga com o objetivo de coletar informações sobre as ações do grupo na região. Percebe-se, em seu relato, a tentativa de se firmar como sujeito frente às normas de participação do Movimento, principalmente, da sua força política enquanto mulher num espaço em que a presença dos homens é superior.

Uma vez nós, eu com a mulher do vizinho, sabe? Nós pegamos e dissemos assim: Nós temos que saber o que acontece lá. E daí este “banana” (apelido) foi visitar o marido

³¹ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/01/2006.

dela que era o vizinho de cima. O que é que nós vamos fazer “Val”, ela tinha um boteco, sabe?(não audível) eu disse: Nós vamos dar umas cervejas ali para eles. Quero ver se eles contam alguma coisa para nós. Mas olha nós despejamos o boteco todo(risos) e eles tomaram até dizer chega e não saiu nada. (risos). Porque as coisas têm que ser entendidas na hora certa. Não adiantava nós sabermos, nós não íamos entender mesmo. Não adianta dizer uma coisa para você, né? Eu não tenho consciência do que é às vezes. Vão interpretar mal. Então, não adianta.³²

Finaliza sua experiência com a justificativa de que não tinha consciência de tal situação como se o seu entendimento anterior prejudicasse suas decisões dentro do Movimento, uma vez, que nunca havia vivenciado a situação de ocupação.

O objetivo da manifestação realizada na estação de pesquisa e treinamento da Monsanto, empresa que se dedica à produção e comercialização de grãos, foi protestar contra a liberação do Governo Federal no que diz respeito à comercialização de soja transgênica no país. O Jornal Diário dos Campos trata a ocupação realizada no dia 10 de maio de 2003 como uma “invasão” e enfatiza os danos causados na sede administrativa da estação.

Cerca de 800 integrantes de Movimentos sociais, as maiorias do MST, invadiram ontem a estação de pesquisa e treinamento da Monsanto, no bairro Shangrilá em Ponta Grossa. Para protestar contra a decisão do governo federal de liberar a comercialização de soja transgênica, os manifestantes destruíram áreas geneticamente modificadas, que segundo a Monsanto, totalizavam 20 hectares. Os ativistas também picharam a danificaram a sede administrativa da estação. A Monsanto afirmou que pedirá providências judiciais e que a área será recuperada em um ano.³³

A representação do jornal em relação ao MST vincula

³² Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/03/2006.

³³ Jornal Diário dos Campos. Transgênicos são destruídos. 10 de maio de 2003. Pg. 1-A.

as ações do Movimento como causadoras da violência e da desordem no campo. As demais reportagens questionam a função do MST na luta contra as desigualdades sociais. As severas críticas dirigidas ao MST não têm seus autores identificados e reforçam a utilização da violência para alcançar o objetivo da reforma agrária na região. No dia 17 de maio, em que o Movimento ocupou a sede da Monsanto, com mais de 150 famílias, o jornal Diário dos Campos publicou uma reportagem afirmando que o MST prejudica a reforma agrária no país.

Em vez de combater o quadro de profundas desigualdades sociais no Brasil, o MST apela a ações que apenas reforçam o discurso de que o Movimento constitui na verdade, uma milícia armada, que faz a sua própria lei, ignorando os aparatos do Estado e promovendo a desordem no campo.³⁴

Diferente das reportagens dos jornais sobre as ações do Movimento no Brasil, as representações dos trabalhadores rurais do Acampamento Emiliano Zapata foram de uma ocupação tranqüila, em que o espaço para a negociação foi aberto, tanto por parte do Estado, quanto do MST para se definir a construção de um assentamento no local.

Após dois dias acampados, a Embrapa conseguiu o pedido de reintegração de posse da área revelando que o espaço de discussão não era o imaginado pelos trabalhadores rurais. As famílias permaneceram no local mesmo após de confirmada a ordem de despejo, iniciando uma luta política que possivelmente aumentou os laços de coesão do grupo. Frente à ordem de despejo das famílias, os trabalhadores resistiram no local e pediram a abertura de uma CPI contra a Monsanto.

No dia 31 de maio, os acampados ocupam a sede da fazenda da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa agropecuária), em Ponta Grossa, alegando que o local estava sendo arrendado para a produção particular de fazendeiros da região, ou seja, terras pertencentes ao Estado utilizadas em benefício da produção de grãos e sem pagar imposto.

³⁴ Jornal Diário dos Campos. Excessos do MST e prejuízos a reforma agrária. 17 de maio, 2003. Pg. 2-A

Novamente o jornal questiona a ação do Movimento.

A invasão da fazenda pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Ponta Grossa, ocorrida na madrugada de ontem, constitui outro exemplo de que o Movimento insiste em fazer a sua própria lei, afrontando os poderes constituídos e promovendo a anarquia no campo.³⁵

As opiniões tecidas sobre o Movimento neste contexto são divergentes. Notícias veiculadas por outro jornal da cidade, o Jornal da Manhã, apontam a ação do Movimento como pacífica não causando transtorno ao funcionamento da fazenda segundo o diretor da Embrapa na cidade: “Os vinte e dois funcionários que foram para a fazenda trabalharam normalmente e tiveram acesso livre à fazenda. Os caminhões que precisavam carregar milho, colhido na tarde de quinta-feira, também puderam entrar na fazenda. “Não tivemos problemas, mas pedimos para os funcionários deixarem o local”.³⁶

Mesmo assim, foi realizado o deslocamento das famílias para a beira da estrada que passa junto à Fazenda onde permaneceram por três meses. Caminhões da prefeitura e cedidos pela própria Embrapa realizaram a mudança. Neste local, as condições de habitação eram precárias. Viviam amontoados em barracos de lona e sujeitos ao perigoso tráfego de caminhões que transportavam calcário na região.

João relatou este momento evidenciando que a violência não foi presente no campo material e sim no campo simbólico.

Então dentro disso que foi realizada esta ação, essa mobilização na sede da Embrapa. Pois bem, ocupamos numa sexta-feira dia 29 de maio 2003, então houve uma ocupação na sede da Embrapa. Numa sexta-feira quando foi no sábado já tinha o mandato de despejo. Já tinha havido... a Embrapa já tinha entrado na justiça e conseguiu a reintegração de

³⁵ Jornal Diário dos Campos. Ações do MST depõem contra o Movimento. 31 de maio, 2003. Pg. 2-A

³⁶ Jornal da Manhã. MST invade fazenda da Embrapa. 31 de maio 2003. Pg. B-1.

posse. E tinha o mandato de despejo e nos deveríamos sair da área.o que ocorreu no domingo. Teve vários caminhões da prefeitura da própria Embrapa cedeu caminhões para fazer a retirada do pessoal. Então, o pessoal mal tinha acabado de mudar de Palmeira para a ocupação e já estavam saindo de volta, né. Saindo para a beira da estrada que é onde ficou, onde o acampamento permaneceu durante três meses. Na beira da estrada entre a Embrapa e a BR aqui 376 que vai para Curitiba: Rodovia do Café.³⁷

Após a negociação da área as famílias ocuparam o local onde está o acampamento Emiliano Zapata

Nós fomos para a beira da estrada, estrada de chão batido, poeira, movimento grande de caminhões. Então o acampamento tinha na ocupação, tinha mais ou menos 200 famílias contando com o pessoal que estava lá na Monsanto. E com o despejo teve uma grande demanda assim de famílias. Ficaram restando mais ou menos 130, 120 famílias apenas na beira da estrada. E no processo que nos fomos na beira da estrada junto com isso houve uma negociação envolvendo o pessoal do Incra, a superintendência do Incra aqui no estado, a direção da Embrapa e a direção do Movimento. A negociação pra uma área para as famílias produzirem, e em longo prazo uma área para as famílias serem assentadas terem seu pedaço de chão para constituir o assentamento.³⁸

Logo na entrada dos trabalhadores no local determinado, foi realizada uma assembléia para definir a organização dos barracos e, por conseguinte as demais propostas do Movimento. Já de início a questão da produção, segundo princípios agroecológicos, foi colocada como proposta e aceita pelas famílias do acampamento. A produção agroecológica aproxima os sujeitos às suas memórias de trabalho no campo em que a produção não recebia venenos e agrotóxicos revelando o desejo de resgate a um modo de vida visto por eles como saudável. A produção agroecológica serve de sustentação a uma memória que reforça a identidade de Sem-Terra.

³⁷ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/01/2006.

³⁸ Idem.

Então mudando para cá também mudou o nome do acampamento que passou a ser Acampamento Emiliano Zapata e então desde o início que a gente começou a trabalhar aqui na área foi colocada a questão da agroecologia. Então, toda a produção, 100% da produção toda agroecológica pelas famílias.³⁹

A utilização de sementes crioulas, ou seja, sementes que não passaram por processos de modificação genética, é um princípio que mantém coesa as relações de produção garantindo a autonomia desta no mercado. Toda a área do acampamento destinada ao assentamento é comunal, ou seja, o lote de terra que cada sujeito recebe não pode ser vendido, todavia, a sua autonomia de produção é garantida dentro da área que lhe foi entregue.

Com o acampamento Emiliano Zapata já formado os trabalhadores decidem ocupar uma outra área, pertencente a Embrapa que estava sendo arrendada para um fazendeiro da região. A ocupação gerou conflito devido ao interesse do fazendeiro em grilar⁴⁰ a terra.

A partir deste momento, os trabalhadores rurais do Emiliano Zapata vivem um momento de tensão, pois o fazendeiro que arrendou a terra contratou seguranças armados para proteger o acampamento originado desta outra ocupação e que hoje se chama acampamento Teixeira.

O Emiliano Zapata está em processo de assentamento e as famílias foram divididas na área. Teoricamente a participação de todos os sujeitos como coordenadores e/ou integrantes dos setores existentes tem o objetivo de dar viabilidade ao projeto de desenvolvimento econômico sustentável para o assentamento que está sendo chamado de Comunidade Camponesa de Resistência.

João nos explica o significado da mudança do nome.

Porque a gente pretende, tem como objetivo assim, de produzir a subsistência. Que hoje em dia pouca gente faz isso. Produzir a sua... as suas condições materiais para

³⁹ Idem.

⁴⁰ Grilagem é o ato de falsificação de documentos de uma determinada propriedade com o objetivo de comprovar a sua posse.

continuar vivendo para seguir vivendo. Ele próprio produzir alimentação para se sustentar entre outras questões, né. Essa é uma das questões que a gente procura trabalhar aqui com as famílias. Cada um tem que produzir a sua soberania alimentar. Outra questão é as sementes. Produzir as sementes porque há um grande interesse hoje das transacionais de dominar o mercado das sementes através dos transgênicos. (...). Porque nos não podemos ficar dependentes do mercado, né. Resistência também no mercado, ao capital que vem de fora. E ele pode destruir a comunidade. Isso o capital entrando com seu poder. E tendo o domínio essa comunidade não vai ter nenhum poder político aqui na região local. A partir de quando a comunidade se divide entra o, digamos assim, entra o capital e começa com seu poder de influência a gente não vai ser mais um a força política, uma força expressiva. Já não vamos mais lutar pela emancipação da classe trabalhadora, né, pela independência total. E outra questão tá ligada também ao ser camponês, a cultura camponesa que como a gente vive no campo a gente não pode copiar aquilo que tem na cidade. O que tem de bom sim, mas, tudo aquilo a questão do consumismo, a própria questão musical, né, as drogas, enfim, não que tudo na cidade não presta. A gente não pode copiar esta cultura aqui na comunidade e, então é por isso que a resistência está nisso. Resistir à influência do capital, resistir aos meios de comunicação na questão cultural aí. E também na resistência, na resistência política. Que aqui na comunidade tem uma forma própria de gestão, de administração fora do estado que nós conhecemos. Uma forma de organização que não depende como tá aí fora o Estado. Aqui não precisa de polícia, não precisa de vereador, nada disso. As famílias organizadamente têm a sua gestão.⁴¹

A resistência a que João se refere construída nas relações sociais de produção são uma forma de construção da força política do grupo na região. O resgate e a manutenção de uma cultura camponesa não desmerece os conhecimentos produzidos no espaço urbano, e sim, valoriza o saber e a cultura produzidos pelos trabalhadores no espaço em que vivem. Novamente a organização é um aspecto ressaltado e

⁴¹ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 17/01/2006.

que orienta a coesão do grupo. Há neste sentido a inversão das relações de poder político com o estabelecimento de formas de se organizar valorizando as experiências dos sujeitos e as relações coletivas. Porém, esta forma de conceber a força política da sociedade numa gestão independente do Estado requer a consciência de que é através dele que muitos serviços são prestados a população. Atendimento a saúde, transporte, moradia, mesmo que saibamos que o Estado não cumpre, de acordo com as demandas sociais, seus deveres constitucionais. A questão estaria mais centrada na organização social para a construção de uma força política que faça valer o atendimento prestado pelo Estado de forma numericamente satisfatória e com qualidade.

A necessidade de autonomia de organização mostra a importância dada aos sujeitos ao controle da sua produção, da força de trabalho empregada na lavoura. Sandro nos conta como é e vivência no cotidiano do acampamento.

Ah, o dia-a-dia aqui é bom. Que a gente levanta cedo vai para o trabalho, volta almoça. Não tem horário para você pegar. Se o sol está forte quando você vai deitar um pouco descansa fica embaixo das árvores. Normal muito melhor que na cidade.⁴²

No momento da entrada dos trabalhadores, no MST, as normas para participar do Movimento eram atribuídas à conduta moral dos sujeitos. Não beber, evitar desentendimentos com vizinhos, colaborar coletivamente na produção, não realizar jogos de azar e não manter armas dentro do grupo. Estas eram condições estabelecidas para que a luta do MST não fosse identificada como algo violento e para que a sua representação como força política não fosse questionada, principalmente pela sociedade.

Na fala de Nataniel, observa-se uma prática disciplinadora do Movimento no sentido de construir uma identidade homogênea ao grupo de trabalhadores do Emiliano

⁴² Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata em 19/01/2006.

Zapata. Quando perguntado como eram realizadas as festividades do acampamento relatou a obrigatoriedade do canto ao hino do Movimento em posição de sentido.

Nós quase não tínhamos festa. Nós fazíamos festa todo dia porque (risos) nós nos reuníamos na frente da madeira lá cantar o hino. (...) É de manha umas oito horas. O hino do Movimento que eu já esqueci. (...) Todo mundo se reunia entrava em forma, posição de sentido e cantava o hino.⁴³

A disciplina estabelecida pelo Movimento, no nosso entender, apresenta um caráter pedagógico. Por mais que Nataniel tenha esquecido o hino do MST, e o grupo não pratique mais o cantar o hino diariamente em posição de sentido, acredita-se que o aprendizado desta organização contribuiu para o estabelecimento de relações sociais menos conflituosas no interior do acampamento. O sentimento de fazer parte do coletivo contribui para o processo de diferenciação e de reconhecimento das igualdades no grupo. A sua identidade de Sem-Terra está firmada nas memórias de sua trajetória de vida, e no reconhecimento das semelhanças e diferenças das experiências dos outros sujeitos com os quais ele está ligado e compartilha valores e interesses. Percebe-se que o próprio sujeito atribui significado ao seu passado definindo os traços de sua identidade dentro do Movimento.

Nataniel foi o único a relatar a presença de falsos Sem-Terra no interior do grupo com o objetivo de desmobilizar os trabalhadores em permanecer na terra. “Pé de pato”, falso sem-terra, ficou, segundo Nataniel, de três a quatro meses no Movimento. Logo que chegou ao grupo, tornou-se um dos coordenadores pela sua facilidade em falar em público. “Silvana” era o nome de outra falsa sem-terra que agia da mesma forma que o “Pé de pato”. Muitas famílias desistiram de permanecer no local porque acreditaram nos falsos sem-terra que assustavam as famílias enfatizando uma suposta inviabilidade política e econômica do acampamento e do

⁴³ Entrevista realizada em 26/01/2006 no Acampamento Emiliano Zapata.

assentamento na região. Os seus discursos eram marcados pela inutilidade dos sujeitos lutarem contra as milícias armadas dos fazendeiros enfatizando as situações traumáticas de despejo vivenciadas por alguns integrantes. Algumas famílias se dirigiram para o assentamento Che Guevara, na cidade de Teixeira Soares, comandada pelo “Pé de pato”.

Estas famílias saíram daqui e foram para o assentamento Che Guevara lá no (não audível) daí chegaram lá as lideranças do assentamento deram um prazo de três dias para eles saírem de lá né, e o Pé de Pato (não audível) e as famílias não sei para onde foram. Acho que estão zoando.⁴⁴

As dificuldades enfrentadas pelas famílias na luta pela terra, como a violência, a fome, a falta de saúde, de transporte, de escolarização, de moradia, entre outras, fizeram com que muitas famílias deixassem o acampamento; por outro lado, a organização interna e as relações coletivas foram os referenciais dos trabalhadores rurais Sem Terra do acampamento Emiliano Zapata que optaram por continuar com suas lutas.

As famílias dos sujeitos em alguns casos apoiaram a sua iniciativa de participar do MST. Os meios de comunicação influenciaram a visão dos familiares de Sandro sobre o Movimento e das pessoas que participavam dele. As representações de Sandro nas suas vivências dentro do acampamento contribuíram para a mudança de percepção da luta do MST pela terra e a permanência nela.

No começo eles acharam que o MST era uma coisa que era perigosa que tinha violência estas coisas assim. Eles também não tinham conhecimento do MST. Aí depois de uns par de dias de eu ficar lá daí eu pegava e ligava para eles quando eles não ligavam, daí eu explicava como é que era, como era a convivência lá dentro, como é que era o pessoal. E daí eles foram se aceitando, entre eles mesmos foram se aceitando, mas nos primeiros dias eles acharam que era o bicho da goiaba, mas não.⁴⁵

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata, em 19/01/2006.

A família de Sandro demonstrou receio quanto à entrada dele no Movimento. A sua representação do MST aparece vinculada à violência no campo, desqualificando a proposta de transformação social pela reforma agrária.

Para Genecilda, a família se colocou contra a iniciativa da mãe apesar de um integrante da família fazer parte do MST anteriormente.

Primeiro ele achavam que eram muito ruim, né? Primeiro ele achavam que era muito ruim, mas ninguém sabia de nada como é que era não liguei e continuei fazendo o que eu fazia. Daí quando foi um tempo, eles fizeram uma reunião no meu barraco que era ali do outro lado para dizer que era para eu parar de contribuir. Ai a minha mais velha veio de Curitiba que é crente, ela disse para mim: pare com isso! A senhora em vez de orar. As coisas todas acontecem porque a senhora não ora e agora é o tempo da senhora aproveitar a sua idade que já trabalhou que nossa e agora está nessa idade fica em reunião até umas horas da noite e não sei o que. Ai eu disse para ela: Sabe qual é o problema de vocês? Vocês não pensam em mim. Vocês cada um quer resolver o problema de cada um. Não é o meu problema que vocês querem resolver. E eu vou fazer o que eu quiser. Se vocês gostem ou não gostem é problema de vocês.⁴⁶

A oposição dos filhos reforça a expectativa de Genecilda quanto ao resgate a um modo de vida segundo os princípios do Movimento. Um modo de vida semelhante vivido no campo com seus pais e irmãos, em que os valores se opõem aos interesses meramente individuais. Hoje, dois de seus filhos moram no acampamento e não há desentendimento com seus familiares a respeito da sua participação no MST.

Destacamos a memória como um mecanismo de aprendizado pelo qual os sujeitos avaliam as suas decisões, questionando, refletindo sobre os acontecimentos tendo como referência a sua posição na realidade social. Assim, as fontes orais “contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora

⁴⁶ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata, em 17/03/2006.

pensa que fez”.⁴⁷

A auto-avaliação das suas ações e decisões repercutem nas mudanças vistas pelos sujeitos e reforçam, tanto a sua identidade de Sem-Terra, como a sua consciência de classe trabalhadora.

Bom, primeira coisa que mudou para mim foi na forma, na visão de mundo, na visão de mundo. Que digamos assim fora tem uma organização como esta vê o mundo de um jeito né. De dentro da universidade você vê o mundo de um jeito. Para vocês que estão lá ou para quem trabalha na empresa tem uma visão de mundo. E a primeira coisa que muda quando a gente entra aqui é isso. A gente tem uma outra visão de mundo. Você começa a perceber que o mundo é dividido em classes. É classe trabalhadora e a classe burguesa né. Burguesia e classe trabalhadora e então é isso que você vai entendendo. E daí para isso a gente começa a estudar a história das lutas: Ligas Camponesas, Contestado e tal e tal. Então isso mudou muita coisa na minha cabeça. Já as coisas materiais assim, digamos, tudo o que é material não tem tanto valor e passa dar espaço para um sonho, uma construção social.⁴⁸

Na fala de João, percebe-se a forte influência da formação de militante e da ideologia do Movimento. A autonomia do sujeito em assumir ou rejeitar este discurso depende das experiências na sua trajetória de vida. Esta forma de perceber a realidade tem base nas suas experiências que não podem ser omitidas na sua prática política pelo Movimento. A defesa de uma idéia parte da prática social do sujeito, e de como ele representa suas experiências e como suas representações sobre os acontecimentos vão constituindo um modo de viver, uma cultura baseada em valores solidários, de combate à exclusão do trabalho, da educação e das demais situações entendidas como injustiças sociais. Neste sentido, João, reconhecendo-se como sujeito histórico, vai definindo a sua identidade de Sem-Terra.

⁴⁷ PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral Diferente”. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.14, fev., 1997, pg. 31.

⁴⁸ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata, em 17/01/2006.

Para Genecilda, a mudança diz respeito a sua autonomia de pensamento e de organização e produção da vida.

Ah, mudou bastante coisa. Primeiro, mudou...primeira coisa que mudou que eu não trabalho mais para os outros faz... todo este tempo que eu não tenho patrão para me mandar e era coisa de anos e anos desde que eu tinha dezoito anos é que eu tinha patrão para me mandar. Outra coisa que mudou bastante e que foi muito bom foi que eu não tenho aluguel para pagar, não tenho água para pagar porque aqui a gente tem que se organizar para tratar a água. Temos luz aqui, mas é pouquinho dá uns dez reais para cada um. Isso já foi um... Acho que só por causa disso eu já parei de tomar remédio da pressão. Porque não tenho que me preocupar que tal dia tem que pagar aluguel e o dono da casa vai bater aqui. E se eu tivesse a casa própria pensar que tal dia tinha que pagar o imposto, tal dia para pagar mais não sei o quê e tal dia para pagar mais não sei o quê. Isso já é uma coisa muito boa. Uma coisa muito boa é que você começa a pensar, né? Lá na cidade você não pesava outra coisa porque você tinha que ir para o serviço tinha que agradar o patrão que você tinha que brigar com o patrão para sobreviver lá, né? Para ter o básico: comida, roupa, uma casa para morar. E aqui você começa a pensar é..., por exemplo, por que o mundo está assim, né? O que as pessoas estão fazendo para uns ter mais os outros ter menos? O que estão fazendo para não? A gente começa a pensar. Então, de manhã você levanta pensando uma coisa completamente diferente, né, que você pensava antigamente. Porque antigamente você não pensava. O patrão dizia que pensava para a gente, aí é complicado. Fazia o que ele mandava e recebia no fim do mês. O máximo que você fazia era olhar no holerite para ver o quanto ele tinha descontado lá dizendo o que você devia. E agora você pensa outra... eu penso assim que é uma saúde mental, né? Quando você começa a pensar. Não pensar só em si, pensar na comunidade, na cidade, no Brasil, ou no mundo inteiro.⁴⁹

A nova forma de ver o mundo amplia o projeto de Reforma Agrária do Movimento, envolvendo outros direitos constitucionais.

⁴⁹ Entrevista realizada no Acampamento Emiliano Zapata, em 17/03/2006.

A mudança ocorreu na prática dentro do Movimento social, e nas representações elaboradas nas suas experiências em um processo de construção como sujeito e do Movimento.

É uma responsabilidade muito grande e no mesmo tempo a gente cria... porque, olha, eu antigamente eu pegava e ia para mobilização eu ia tomava um banho de qualquer jeito eu ia. Hoje eu já penso. Eu sou uma referência, né? Então, eu não posso andar de qualquer jeito. Se eu vou num lugar representar o Movimento, então, tenho que ir bem arrumada. Tenho que ir diferente eu sou uma pessoa, né? Eu acho que é isso ser Sem-Terra.⁵⁰

Ser Sem-Terra é tornar-se referência de luta política conquistando o respeito e o apoio da sociedade numa questão que envolve a todos.

As experiências dos sujeitos têm papel relevante na construção da identidade do ser Sem Terra, e na expectativa do resgate de uma cultura do campo com bases em valores como trabalho coletivo e na solidariedade nas relações sociais.

Considerações finais

O trabalho possibilitou a percepção de que a identidade do ser Sem-Terra está fundamentada num campo de representações comuns de exclusão do trabalho, moradia, educação, entre outras experiências vivenciadas nas trajetórias de vida dos trabalhadores rurais. A estrutura organizativa do Movimento coloca os sujeitos em ação valorizando a capacidade criadora e a autonomia de decisão de homens e mulheres resgatando sua dignidade pelo valor do trabalho. As fontes orais apresentaram-se como uma rica possibilidade de interpretação do passado, e problematização do presente de sujeitos, que através do Movimento, lutam não apenas pelo retorno a terra, mas também pelo resgate de uma cultura com bases em relações coletivas e solidárias. As fontes orais permitiram perceber dos trabalhadores quais

⁵⁰ Idem.

são suas idéias, sonhos, planos, medos, que se opõem ao discurso presente nos jornais, carregado de preconceitos em relação aos trabalhadores rurais Sem Terra, e que se pretende oficial.

As experiências dos sujeitos revelam como eles, no construir-se junto com o Movimento e no aprendizado político das suas ações, se reconhecem e se diferenciam, dando forma a uma identidade coletiva com vistas a uma luta social mais ampla: a Reforma Agrária.

O Acampamento Emiliano Zapata estava em processo de assentamento quando a pesquisa foi realizada. As famílias estavam trabalhando nas suas lavouras, organizando seus lotes, enfim, uma nova realidade espacial estava se constituindo no acampamento. Alguns questionamentos podem ser realizados, no que se refere ao estudo da identidade do grupo. O processo de assentamento pode vir a constituir um limite para a identidade coletiva do grupo? Que práticas serão sugeridas pelo Movimento, e que ações serão necessárias para a manutenção de relações de solidariedade no grupo? O trabalho da família no seu lote de terra pode se constituir num fator desagregador da identidade desses trabalhadores?

Estas indagações e a discussão sobre o efeito da disciplina do MST são questões pertinentes e carecem de novas problematizações para compreensão mais aprofundada do processo de constituição da identidade dos trabalhadores rurais sem terra.

O trabalho de pesquisa, principalmente as visitas ao acampamento, trouxe através dos relatos e das vivências dos trabalhadores rurais novas percepções sobre a experiência da exclusão social na região, possibilitando uma compreensão não definitiva, mas, um pouco melhor elaborada dos motivos que fizeram com que estes trabalhadores e trabalhadoras decidissem participar do MST, assumindo e dando novos significados a uma identidade que os firmasse como sujeitos históricos na disputa por seus direitos.

Pode-se afirmar que a identidade do grupo estudado não é homogênea e está em constante construção e

transformação, porém, o orgulho demonstrado pelos entrevistados em ser Sem-Terra sinaliza que estes homens e mulheres também se reconhecem como construtores da História e dão sentidos a ela a partir das muitas andanças e dos muitos caminhos trilhados até aqui.

Referências

- FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: A Problemática da Pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998, 104p.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, nº 22, p. 79 – 104 , jun. / 2001.
- MARTINS, José de Souza. *Expropriação e violência: a questão política do campo*. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo capitalista de produção e agricultura*. 4º ed. São Paulo: Ática, 1986.
- POLLACK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212
- PORTELI, Alessandro. “A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.01. p. 59-72, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral Diferente”. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.14, fev., 1997, pg. 31.
- SILVÉRIO, Domingues Leandra. *Campo/Cidade: Encantos, Experiências e Trajetórias de Trabalhadores no Município de Uberlândia –1970/2003*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003. (Monografia).
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha et al. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991.80p.

Identidade em construção: experiências comuns de trabalhadores rurais sem terra nos Campos Gerais. (1970-2003).

Fernando Henrique Tisque dos Santos
Rosângela Maria Silva Petuba

Resumo: O trabalho discute a construção da identidade do ser Sem-Terra no Acampamento Emiliano Zapata, localizado no distrito de Itaiacoca no município de Ponta Grossa, Paraná, no diálogo com as experiências dos indivíduos na luta pela terra desde década de 1970. Foram produzidas e analisadas fontes orais a partir de entrevistas com trabalhadores que participaram efetivamente do processo de ocupação da terra.

Palavras - chave: experiência, identidade, MST.

Abstract: This article intends to understand the identity of landless workers through their experience on rural and urban areas. We produce and analyse oral sources with workers who created the Emiliano Zapata encampment.

Key - words: identity, experience, MST.

Artigo recebido para publicação em 15 de abril de 2007

Artigo aprovado para publicação em 01 de junho de 2007